



Jornalismo Literário: uma análise da coluna de opinião de Eliane Brum para a revista *Época*¹

Karla Mariana Gondim FONSECA²

RESUMO

O presente trabalho analisa a presença do Jornalismo Literário na coluna de Eliane Brum para o site da revista *Época*. O corpus selecionado são três textos da coluna mais compartilhados nas redes sociais no primeiro semestre de 2013. A partir desses compartilhamentos, dos diálogos propostos pela autora ao longo de seus escritos e também de outros aspectos, busca-se entender como a coluna acaba por atrair e envolver o leitor, além de informar. A metodologia utilizada é a Análise do Discurso francesa e as características do Jornalismo Literário finalizam o referencial teórico desse trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo literário; jornalismo impresso; jornalismo opinativo; coluna; Eliane Brum; Revista *Época*.

1 INTRODUÇÃO

O estilo chamado de Jornalismo Literário, surgido na década de 1960, quebra a semelhança existente entre a maioria dos textos jornalísticos que, muitas vezes, tem que seguir um padrão pré-estabelecido. A disposição convencional ordena que o texto seja escrito a partir do fato mais relevante e ir, ao longo dos demais parágrafos, diminuindo a hierarquia de valor da informação. Numa notícia, os eventos não seguem uma sequência cronológica, mas uma ordem de importância decrescente a partir da visão daquele que relata os fatos. O *lead*, primeiro parágrafo da notícia, informa quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e para que. (LAGE, 2002, p.16). Sem figuras de linguagem e com o máximo de objetividade possível, esses textos podem acabar atingindo uma obviedade que, aos olhos de quem lê, pode ser pouco atrativa.

No Jornalismo Literário, em contrapartida, a informação é somada a adjetivos, personagens, enredo, histórico do assunto e contextualização. Apesar da escrita enxuta e sucinta ser mais comum no jornalismo convencional, o Jornalismo Literário vem se mostrando como um gênero em ascensão, visto que existe uma especialização oferecida pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário, além de o mercado editorial vir

¹ Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Uberlândia-UFU, email: karlamgondim@gmail.com.



umentando o interesse pelo gênero; uma das iniciativas que provam isso é a Coleção Jornalismo Literário, da Editora Companhia das Letras, que oferece clássicos do gênero livro-reportagem.

A partir desse contexto, este trabalho analisa os textos da coluna de Eliane Brum para a Revista Época, que foram mais compartilhados nas redes sociais nos primeiros seis meses de 2013, seguindo a contagem do site oficial da revista. A jornalista escreveu todas as segundas-feiras para a Época, de 2009 a 2013 – a autora colocou um ponto final nesses escritos enquanto a presente pesquisa ainda estava em andamento, em setembro de 2013.

O objetivo geral deste estudo, portanto, é analisar a coluna semanal de Eliane Brum a partir do Jornalismo Literário. Para isso, primeiramente, é feita uma retrospectiva acerca da história do gênero, para isso, valem-nos de pesquisadores como Antônio Olinto (2008), Ciro Marcondes Filho (2000), Felipe Pena (2006), entre outros. Além disso, a coluna trata, basicamente, da opinião da jornalista acerca dos temas mais debatidos e/ou julgados importantes por ela durante a semana anterior – a coluna vai ao às segundas-feiras –, isso nos leva a outro objetivo deste trabalho: entender até que ponto seus textos mesclam opinião e informação. Por isso, também se dedica mostrar um pouco do jornalismo opinativo, com base nos estudos de José Marques de Melo (2001).

A partir da teoria da Análise do Discurso francesa, com base em autores como Dominique Maingueneau (1997), Mikhail Bakhtin (1992), Cleudemar Alves Fernandes (2008), Helena Nagamine Brandão (1998), entre outros, foram feitas as Matrizes Discursivas, que são os quadros de análise dos três textos. Os elementos da teoria serviram para análise dos textos para que fossem compreendidos mais aprofundadamente e a fim de que os aspectos mais importantes e comuns da coluna de Eliane Brum fossem identificados, como ela os aborda e as possíveis similaridades entre eles.

O critério de escolha dos textos que compõem o *corpus* foi: aqueles que foram mais compartilhados nas redes sociais no primeiro semestre de 2013, de acordo com contagem do site oficial da revista, que expõe o número de compartilhamentos feitos no *Facebook*, *Twitter*, *Google Plus* e *In Share*. Esse critério foi adotado pelo fato de que as redes sociais são conhecidas por serem utilizadas para comunicação rápida e, muitas vezes, eficaz. Em poucos caracteres, é possível se passar a mensagem desejada.



Entretanto, os textos de Eliane Brum, apesar de longos, críticos e profundos, são bastante lidos e disseminados nas redes.

Outra meta desta pesquisa é entender como a escrita de Brum envolve e dialoga com o leitor. A partir dos textos da autora, busca-se entender se, em tempos de informação rápida e de fácil consumo, o seu Jornalismo Literário pode estar, dentro de sua própria linguagem, aproximando e envolvendo os leitores, justamente pela sua densidade e características literárias. Entende-se, no entanto, que este é um leitor estimado, pois foi alcançado apenas a partir do número de compartilhamentos por ele realizado, e que está presente nos diálogos que a autora realiza com ele por meio de perguntas ao longo do texto – além de outros aspectos que serão mais bem explicados ao longo deste estudo –.

Dessa forma, o *corpus* deste estudo é composto pelos textos: “Pela ampliação da maioria mental”, texto de 22 de abril de 2013, compartilhado 77.762 vezes, “Acordei doente mental”, de 20 de maio de 2013, compartilhado 50.556 vezes e “Os loucos, os normais e o Estado”, de três de junho de 2013, compartilhado 38.474 vezes.

O presente estudo trata-se, portanto, de uma pesquisa de análise do discurso, que foca, especialmente, na coluna de Eliane Brum para a revista *Época*. Serão feitas análises acerca de três textos selecionados a fim de verificarmos a representação do Jornalismo Literário nos escritos de Brum.

2 *New Journalism* e seus frutos no Brasil

Para classificar historicamente o Jornalismo Literário é indispensável destacar o *New Journalism*. Surgido na imprensa estadunidense nas décadas de 1960-1970, foi ele que deu liberdade para que os jornalistas, insatisfeitos com o padrão do *lead*, criassem esse novo gênero, que empregasse aspectos literários em textos essencialmente jornalísticos. Uma de suas consequências foi o livro-reportagem, que conta fatos reais como se fosse escrito um romance.

Segundo Tom Wolfe (2005), um dos precursores do estilo, essa nova maneira de escrever jornalismo se deu muito mais em torno do instinto do que de uma teoria, propriamente dita. Em seus primórdios apresentava quatro recursos básicos: reconstruir a história cena a cena, registrar diálogos completos, apresentar cenas em diferentes pontos de vista e registrar hábitos, gestos, características simbólicas dos personagens. O



objetivo, segundo o jornalista americano, era evitar o “tom bege pálido da imprensa objetiva”.

Esse "movimento", que o autor se recusa a definir como tal, representou a abertura de possibilidades inusitadas para a informação; não mais para a informação inexpressiva, mas para um estilo de reportar que combinava monólogos interiores na própria mente dos personagens reportados associados a uma concepção que herdava do realismo social literário sua dinâmica e seu envolvimento. (FARO, 1998, p.53)

O *New Journalism* também pode ser visto como resultado da revolução política, cultural e histórica que acontecia no mundo naquele período, o movimento dava ao jornalismo facetas ilimitadas para a construção do texto, afastando-os das regras e conservadorismo que regia o ofício (e o mundo) naquela época. Além disso, ele também obrigava os profissionais da imprensa a reverem o seu papel no âmbito da Indústria Cultural, visto que sua autonomia era ampliada com as novas ideias implementadas pelo *New Journalism*. (FARO, 1998, p.55).

A revista brasileira “Realidade” pode ser descrita como fruto desse movimento e berço do Jornalismo Literário no Brasil. Ela foi criada em 1966 pela Editora Abril de São Paulo e circulou até 1976. As edições eram mensais e contemplavam assuntos diversos, as reportagens eram longas e o texto cuidadosamente escrito. Mesmo circulando por apenas dez anos, vendeu milhões de exemplares. A “Realidade” conseguiu dar vida aos problemas da época e abordar ainda temas que eram considerados tabus, dando ênfase ao caráter social do Jornalismo Literário.

2.1 Características do Jornalismo Literário

Sem muito conhecimento sobre a história do jornalismo e da literatura, muitos poderiam afirmar que essas áreas têm pouco em comum. Com suas naturezas parecendo tão distintas, era passível de se imaginar que ambas percorressem caminhos diferentes ou até mesmo opostos: o jornalismo como sendo a “narrativa do real”, que objetiva passar a verdade dos fatos ao leitor, difundir informações focando em um produto comprovável e palpável e a literatura, ao contrário, fazendo com que, a linguagem exerça o papel principal e a ficção seja outra personagem importante, permitindo que a narrativa seja inventada. (OLINTO, 2008, p.13).



No entanto, apesar de contrariar os mais céticos, existem pesquisadores como Amoroso Lima (1969) e Antônio Olinto (2008) que defendem o jornalismo como gênero literário. A respeito da ficcionalidade, esses estudiosos justificam a teoria no fato de que a própria literatura busca suas histórias na realidade e que o repórter, ao escrever a notícia, seguindo seu olhar ou a linha editorial de onde trabalha, já está dando ao texto um tom ficcional. Em relação à linguagem e à estética, o argumento é de que ambos utilizam o mesmo código e apenas o que poderia diferenciá-los nesses quesitos seria o juízo de valor: bom ou ruim.

Em um livro reportagem, por exemplo, o autor tem liberdade para escrever ao longo de inúmeras páginas e fazer jus ao que caracteriza o Jornalismo Literário, que é o uso de técnicas da literatura na captação, redação e edição de reportagens e ensaios jornalísticos, seguindo a linha de um texto denso, que aprofunda nos fatos e tece uma narrativa não ficcional acerca da notícia.

Em contrapartida, os escritos de Eliane Brum para a revista *Época*, que serão analisados nesse trabalho, se enquadram, dentro do jornalismo opinativo, como coluna. De acordo com José Marques de Melo, “A coluna é a seção especializada do jornal ou revista, publicada com regularidade, geralmente assinada e redigida com estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum.” (MELO, 2003, p.140). É um conjunto de opiniões e informações que é caracterizado pela agilidade e abrangência.

A respeito de sua estrutura, a coluna trata de uma série de pequenas informações, relata fatos com brevidade e faz comentários sobre situações emergentes. Não se preocupa em dar opiniões simples, mas sua visão dos fatos de forma definitiva, conduzindo a opinião do público leitor, esse mesmo que sente necessidade desse tipo de intervenção, por se perceber excluído em boa parte do tempo. As colunas dão a impressão de inclusão e pertencimento, trata-se de uma forma de participação artificial, à distância, através dos colunistas (MELO, 2003, p.142).

Aparentemente, a coluna tem caráter informativo, registrando apenas o que está acontecendo na sociedade. Mas, na prática, é uma seção que emite juízos de valor, com sutileza ou de modo ostensivo. O próprio ato de selecionar os fatos e os personagens a merecerem registro já revela o seu caráter opinativo. (MELO, 2003, p.142).



3 Teoria da Análise do Discurso e Análise dos textos

A linguagem não se resume meramente a um código que se aprende e se aplica de modo automático. Não pode, portanto, ser considerada a partir de uma visão mecânica, que leva a uma produção discursiva acrítica e limitada em suas possibilidades. A prática discursiva, no entanto, implica em compreender que a linguagem não pode ser estudada independentemente de seu contexto sócio-histórico, porque já traz consigo os valores e a história social de diferentes grupos. A Análise do Discurso (AD) é, portanto, o campo de estudo cujo objeto é o discurso, seu foco é analisar as construções ideológicas presentes no texto. Sendo assim, é a partir desta teoria que serão analisados os três textos que compõem o corpus deste trabalho.

3.1 Análise do texto: “Pela ampliação da maioria mental”

Em “Pela ampliação da maioria mental”, publicado em 22 de abril de 2013, Brum aproveita a discussão gerada pelo acontecido em junho de 2013: após uma sequência de crimes violentos cometidos por adolescentes, em especial um assassinato consumado em São Paulo por um jovem a três dias de completar 18 anos reacendeu a discussão sobre a maioria penal no Brasil.

Dentro da Análise do Discurso Francesa, sabe-se que uma formação discursiva (FD) revela as formações ideológicas que a integram, portanto, o que constitui a FD é o cruzamento de diferentes discursos e formações ideológicas. Diante disso, pode-se atestar que em toda FD há, em seu interior, a presença de diferentes discursos, ao que na Análise do Discurso se denomina como interdiscurso (FERNANDES, 2008, p. 39). Sendo assim, o Interdiscurso deste texto, que está implícito ao longo deste, é que a autora responsabiliza o Estado, a sociedade e a falta de educação pela violência.

“A heterogeneidade mostrada inscreve o outro na sequência do discurso – discurso direto, aspas, formas de retoque ou de glosa, discurso indireto livre, ironia” (AUTHIER-REVUZ apud FERNANDES, 2008). Sendo assim, podemos identificá-la nas marcas explícitas ou implícitas referentes a outros textos e autores que o antecedem. No texto, para exemplificá-la, temos diversos dados como o documento da Fundação Abrinq com o número de adolescentes assassinados e detalhes sobre os tipos de violência e abusos que contra eles foram cometidos; pesquisa do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) constando entre quais idades os adolescentes praticavam crimes e o nível



de escolaridade dos mesmos; citação de uma reportagem veiculada no Fantástico; entre outros.

Já a Heterogeneidade Constitutiva é encontrada no discurso indireto livre, na intertextualidade, na ironia, etc. Ela é a condição de existência dos discursos e dos sujeitos, visto que todo discurso é resultado do entrelaçamento de diferentes discursos. De acordo com Jacqueline Authier-Revuz (apud FERNANDES, 2008, p.39). Podemos dizer que, no texto, a Heterogeneidade Constitutiva é encontrada, por exemplo, nas 18 questões que a autora faz ao seu leitor, culpando, indiretamente, a sociedade (a qual o leitor é parte) e o Estado pela omissão e falta de rigor no cumprimento das leis que, segundo ela, são o que levam os adolescentes a cometerem crimes.

Sobre as marcas do Jornalismo Literário no texto, podemos citar a utilização de uma personagem para ilustrá-lo, Brum coloca Enilda como uma das vozes de seu texto. Também nesse ponto, Eliane que escreve o tempo todo em primeira pessoa, assumindo a narração do texto, se coloca como mãe e, com grande sensibilidade, emite sua opinião ao se imaginar no lugar de Enilda. A sequência cronológica também dá a esse trecho um tom narrativo.

Ao longo do texto, também é possível perceber que a jornalista usa uma estrutura previamente definida que se repete ao longo dos parágrafos, primeiramente, coloca números e pesquisas e depois, termina o parágrafo com indagações ao leitor. Além disso, a palavra citada na primeira frase do primeiro parágrafo: “indignação” irá permear toda a coluna, a fim de instigar o público a se indignar, com os dados mostrados pela autora, o leitor se vê obrigado a responder àquelas perguntas, refletir sobre aquelas estatísticas e (re) pensar sua opinião acerca do tema. Além disso, cunho social que possui esse texto também é uma das características do Jornalismo Literário.

3.2 Análise do texto: “Acordei doente mental”

O tema do texto “Acordei doente mental”, publicado em 20 de maio de 2013, é a nova edição do DSM-5, conhecido como a “Bíblia da Psiquiatria”, um manual para profissionais da área da saúde mental que lista diferentes categorias de transtornos mentais e critérios para diagnosticá-los. O lançamento, feito pela American Psychiatric Association (Associação Americana de Psiquiatria – APA), havia acontecido no fim de semana de publicação de seu texto na Época. Em seus escritos, Eliane Brum se coloca como personagem principal ao criticar as inúmeras doenças mentais citadas no livro,



que caracteriza, até mesmo, hábitos simples e comuns como distúrbios que precisam ser remediados. O Interdiscurso deste texto é uma crítica à sociedade médica, à indústria farmacêutica por se dizerem capazes de determinar o que é a “normalidade”.

O título do texto já é provocativo, irônico e instiga o leitor a querer mergulhar nessa leitura a fim de compreendê-lo, o conteúdo também não poderia ser diferente, a autora ataca grandes entidades, como a sociedade médica e a indústria farmacêutica, por exemplo. Com seus argumentos consistentes, embasados e ácidos, Brum, mais uma vez, chama a atenção do leitor para o poder excessivo que é atribuído a essas instituições e as consequências disso.

Na Heterogeneidade Mostrada, a autora esclarece ao leitor seus argumentos: é citada a fala de Allen Frances, coordenador da edição anterior do manual e uma reportagem do The New York Times, com a fala do psiquiatra Ned Hallowell, que vai contra seu próprio discurso anterior sobre a doença TDAH, mostrando que os próprios médicos podem voltar atrás em relação às patologias que eles mesmos consideraram outrora. Uma fala do diretor do National Institute of Mental Health (Instituto Nacional de Saúde Mental – NIMH), possivelmente a maior organização de pesquisa em saúde mental do mundo, Thomas Insel, que reduz o DSM-5 a um dicionário está marcada no texto, além disso, uma crítica a essas inúmeras doenças, da psicóloga Paula Caplan, também aparece na coluna.

Na Heterogeneidade Constitutiva, por meio da ironia, Brum critica a Bíblia da Psiquiatria e os médicos que a construíram, mostrando que, até mesmo alguns dos que fizeram parte de edições anteriores se mostraram contrários à quinta edição. Em alguns momentos do texto, a autora critica a indústria farmacêutica que, segundo ela, segue saudável e lucrando com todas essas doenças “inventadas” pelo DMS-5. Com isso, Eliane traz a discussão sobre o poder que algumas instituições têm em determinar o que é ou não ser normal nos dias de hoje, preocupadas, na realidade, com o lucro que isso pode gerar. Com isso, a normalidade não parece mais ser algo tão subjetivo, pois, atualmente, o Estado e/ou determinadas entidades têm o aval e propriedade para categorizar as pessoas dessa maneira.

O Posicionamento Discursivo pode ser traduzido na frase: “A vida tornou-se uma patologia”, a autora defende essa ideia ao longo do texto, pois ironiza e questiona os comportamentos comuns que foram transformados em doenças pelo DMS-5. Além disso, uma crítica importante direcionada à bilionária indústria farmacêutica é feita. Com as vozes que argumentam a favor dessa ideia, a Polifonia se faz presente no texto



através das opiniões de psicanalistas e médicos que, até mesmo, já fizeram parte de grandes organizações de saúde, inclusive a própria APA. Segundo Bakhtin (apud PIRES; TAMANINI-ADAMES, 2010, p. 66), a polifonia é parte essencial de toda enunciação, pois em um mesmo texto ocorrem diferentes vozes que se expressam e, além disso, todo discurso é formado por diversos outros discursos. Os enunciados só são compreendidos pelas pessoas quando as palavras provocam reações que despertam as ideologias e/ou referenciam a própria vida do sujeito.

Contudo, o tom literário não é deixado de lado, logo no início do texto, Eliane se coloca como personagem principal da própria coluna ao citar a si mesma como portadora das doenças numeradas no DSM-5. Hábitos comuns, regularmente praticados pela autora são considerados doenças mentais pelo manual, tornando a autora uma doente mental. O título, portanto, vem dessa ironia, ao ler a nova edição da “Bíblia da Psiquiatria”, a jornalista teria, ela mesma, acordado doente mental, “diagnosticada” com inúmeras novas patologias trazidas pelo DSM-5.

3.3 Análise do texto: “Os loucos, os normais e o Estado”

“Os loucos, os normais e o Estado”, publicado em 03 de junho de 2013, trata da obra de Daniela Arbex, lançada em 2013, chamada “Holocausto brasileiro” e das histórias nele documentadas, que mostram o poder do Estado na definição do destino de tantas pessoas que, por terem algum tipo de deficiência mental, ou mesmo, por serem excluídos ou considerados incômodos pelo governo, foram trancafiados na Colônia, conhecido como maior hospício do Brasil, em Barbacena, Minas Gerais, e lá deixados em condições desumanas. Em seu Interdiscurso, o texto traz uma crítica à sociedade, às políticas públicas, ao que é considerado um comportamento “normal”.

Na Heterogeneidade Mostrada vemos, além dos depoimentos dos que foram internados no hospício, falas de médicos e outras pessoas que também presenciaram e emitiram suas opiniões acerca do manicômio, como os psiquiatras Ronaldo Simões Coelho, Franco Basaglia e Lilia Ferreira Lobo. Na Heterogeneidade Constitutiva é possível verificar que, apesar de parecer uma realidade distante, até hoje, o Estado ainda tem o poder de determinar o que pode ou não ser considerado como um comportamento inapropriado, por assim dizer e, acima disso, determinar quais consequências serão atribuídas àqueles que apresentem esse tipo de conduta considerada “anormal”.



O Posicionamento Discursivo é o fato de a autora ser contra o Estado ter o poder em determinar quem pode ser considerado apto a conviver em sociedade, enquanto outros devem ser trancafiados sob um falso argumento de cura. As vozes que compõem o texto, tais como os psiquiatras que descrevem Colônia como o “Holocausto brasileiro” e a fala da autora do livro a respeito do hospício ajudam a tecer um paralelo com os dias atuais, em que os usuários de drogas são excluídos, sem tetos e, por isso, ficam à mercê do Estado e suas determinações.

As marcas do Jornalismo Literário já podem ser notadas no início do texto, pois, em suas primeiras linhas, está um diálogo – marcado pelo uso de dois pontos e travessão – que traz à coluna um tom narrativo, que é pouco comum no jornalismo convencional. Além disso, esse texto possui uma grande riqueza de detalhes, Eliane descreve, minuciosamente, as condições que eram submetidos os internos e, devido a essa descrição, é possível que o leitor forme imagens em sua própria mente. Todos esses detalhes também dão ao texto um ar de narração, que permite ao público interagir com a coluna e fazer despertar sentimentos como o de compaixão, pena e indignação. Além disso, também existem personagens nesse texto, são aqueles que foram trancafiados na Colônia, suas histórias são emocionantes e envolvem ainda mais o leitor.

Brum denuncia ainda a existência de hospícios que, nos dias de hoje, usam de métodos antigos – como as torturas – para “tratar” seus pacientes. Com o paralelo tecido com a realidade atual, com a ajuda de Daniela Arbex, a autora questiona qual era – ou é – o destino daquelas que o Estado, por si só, julga como não merecedores de viver em sociedade. A jornalista ainda vai mais fundo ao comparar os “loucos” da Colônia aos usuários de drogas de hoje, pois a “solução” adotada pelo Estado foi a mesma: a de interná-los compulsoriamente. Tudo isso também denota o caráter social que esse texto possui, uma das grandes características do Jornalismo Literário.

3. 4 Análise do paralelo entre os textos

Após as análises do discurso dos três textos de Eliane Brum para o site da revista Época, que datam de abril, maio e junho de 2013, foi possível identificar algumas similaridades entre eles.

Primeiramente, nos três textos analisados, foi possível perceber que o tema escolhido a ser abordado na coluna sempre se trata de algum acontecimento marcante daquela semana, que ainda estava sendo debatido e que é passível de gerar opiniões



divergentes, por se tratarem de assuntos polêmicos, que afetam diretamente a realidade da sociedade. A autora segue, portanto, o agendamento da mídia. Os temas também são analisados minuciosamente por Brum, que não os restringe a uma única categoria, mas, ao desmembrá-los e tratá-los com profundidade, dá origem a novos problemas, que geram, por sua vez, novos debates.

Os discursos dos textos se encontram em vários momentos nos escritos da jornalista. No primeiro deles, “Pela ampliação da maioria moral”, Eliane fala dos crimes cometidos por adolescentes no país, mas também dos crimes que contra eles são cometidos, como os maus tratos, o abandono da escola, entre outros. A solução que o Estado e grande parte da sociedade veem para esse problema é justamente a de encarcerar esses jovens, permitir que eles sejam presos cada vez mais novos e tirar de vez esse “problema” das ruas. O Estado teria, portanto, o poder de determinar quem é ou não apto a viver em sociedade, quem pode ser considerado digno de receber alguns dos que são direitos naturais do ser humano, como o acesso ao conhecimento, a educação e a dignidade.

No texto seguinte, ao falar sobre o DMS-5, Brum critica o fato da “Bíblia da Psiquiatria” ter conseguido transformar a vida em uma patologia, hábitos comuns passaram a ser considerados doenças que precisam ser tratadas e/ou remediadas. Com isso, mais uma vez, a autora alerta que, por se tratar de um manual seguido pela maioria dos países ocidentais, inclusive os brasileiros, cabe a ele determinar o que é ou não ser “normal”. E é dessa maneira que psiquiatras e indústrias – como a farmacêutica – ganham também o poder de interferir direta e indiretamente na vida das pessoas, mais uma vez tendo sobre o outro o poder de determinar sua “normalidade”.

E se no título da coluna anterior, nos deparamos com as palavras “doente mental”, na terceira e última coluna analisada, vemos as palavras “loucos” e “normais”. Mais uma vez, Brum vai tratar sobre normalidade, sociedade e Estado. E mais uma vez, trará a discussão sobre quem tem o poder de determinar quem pode ou não ser considerado são. Ao falar da Colônia, hospício onde 70% dos pacientes tinham sequer um diagnóstico, a jornalista questiona o porquê dessa internação compulsória, além dos tantos maus tratos aos quais os “doentes” eram submetidos. Como dito pela autora, os presos no manicômio eram prostitutas, inimigos políticos, homossexuais, mendigos, entre outros. Ou seja, por algum motivo, essas pessoas representavam um incômodo e não foram consideradas dignas de viver em sociedade. Novamente aqui, é o Estado



quem determina aqueles que podem ou não serem considerados “normais” e viverem livres.

As três colunas abordam, portanto, temas como: liberdade e normalidade, os problemas da vida em sociedade e apontam para uma mesma conclusão: o que é visto como solução é enclausurar os que representam problemas. É tirá-los de circulação ao fazê-los – e fazer toda a sociedade – acreditar que eles representam o mal e o mal precisa ser remediado ou enclausurado.

Além disso, todo o conteúdo dos textos leva o leitor a se questionar diversas vezes a respeito do papel do Estado, das instituições, da sociedade e da sua própria função na realidade histórica a qual estamos inseridos. Quem tem poder sobre mim? Sobre a minha mente? Quem determina se posso ser considerado são? O que é ser “normal” nos dias de hoje? Quem determina se posso caminhar em liberdade? São algumas das perguntas que podem surgir na mente do leitor ao se deparar com os textos analisados.

Todos os títulos também são muito provocativos e, às vezes, até mesmo irônicos. Não são nada convencionais, ao contrário, a jornalista aproveita para convidar o leitor a se inteirar de seu texto já naquele momento, ao dar uma pequena amostra do conteúdo denso e também instigante que os aguarda nas demais linhas. O título não revela de imediato sobre o que se trata a coluna, entretanto, nas linhas seguintes, como um pequeno “prefácio”, a autora revela o tema que será abordado naquela segunda-feira.

Outra regularidade encontrada é que ao longo desses escritos, Brum está sempre dialogando com o leitor, dirigindo a ele algumas questões. Fazendo com que seus escritos sejam sempre em forma de diálogos entre ela e seus leitores. A jornalista segue o padrão de primeiro muni-los com informações, para que possam se inteirar do assunto e, posteriormente, pergunta sobre a sua postura em relação ao tema. Isso faz parte do que Eliane chama de “desacomodar” o leitor, segundo ela, seus textos servem, justamente, para perturbar. (MASSUELA, 2013, s.p.).

Dessa forma, Brum também busca os culpados das mazelas da sociedade. Seria a própria sociedade, omissa e indiferente? Seriam o Estado e suas instituições, por serem os detentores do poder de determinar o destino de tudo e todos? Ou será que todos são pertencentes a um mesmo grupo, coniventes com as ações uns dos outros? Essas indagações também são lançadas no intuito de fazer com que o leitor reflita, não só sobre o seu papel nos dias atuais, mas também sobre toda a realidade que o cerca.



Os três textos também são recheados da opinião da autora, que se envolve e se coloca, além de seguir a linha do Jornalismo Literário. Eles são bastante densos, longos e adotam um caráter descritivo, que faz o leitor imaginar as cenas enquanto lê as palavras de Brum. Em todos os textos foram usados um ou mais personagens e Eliane segue uma grande sensibilidade na escrita, colocando-se também como personagem em alguns momentos do texto, destacando o quanto ela mesma se envolve com sua escrita.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Eliane Brum, sua coluna online, no site da revista *Época*, já nasceu com o objetivo de ser “um pequeno retrato histórico do tempo em que estamos vivendo” (MASSUELA, 2013, s.p.). Ao dizer que não escreve para apaziguar nem a si, nem ao leitor, Brum parece ter tido sucesso, visto que desde 2009, quando iniciou sua coluna semanal, viu seus textos serem comentados, tuitados e compartilhados pela internet.

Desde então, o nome da jornalista se disseminou pela rede e seus textos fizeram aumentar as discussões acerca dos assuntos polêmicos que ela tratava, visto que, muito além do superficial daqueles temas, a autora trazia novos e inquietantes dados, mostrando, muitas vezes, um lado que até então não havia sido abordado pela mídia. Escrever para a internet era, até então, uma novidade para Brum, no entanto, ela encarou o desafio sem medo. Segundo a autora, o mundo digital a permitiu falar diretamente com os leitores e, de certo modo, os permitiu continuar escrevendo seus textos. (MARTINS, 2013, s.p.)

Sobre esse “falar diretamente com os leitores” mencionado pela própria jornalista, podemos citar o envolvimento com o leitor proporcionado pela coluna, um dos objetivos de estudo dessa pesquisa. Ao longo das linhas de seus textos, Eliane dialoga com aqueles que a leem, dirige questões diretamente a eles, fazendo-os refletir sobre aquele tema e, até mesmo, tomar uma posição a seu respeito. Isso faz com que ele se sinta, não só parte daquela coluna, mas também parte de uma sociedade que, nas segundas-feiras se deparava com uma pauta, precisava discorrer sobre ela e, muitas vezes, precisava também de uma solução para a mesma.

Antes disso, no entanto, a autora dá ao leitor uma gama de informações para que ele possa se inteirar do assunto. A jornalista recheia seus textos com números, dados, estatísticas, pesquisas, falas de profissionais, personagens – alguns deles até imagens – e todos os recursos que um texto informativo pode ter. O que nos leva a outro objetivo



desse estudo, o de pensar até que ponto a coluna mescla opinião e informação. Vemos, portanto, que apesar de se tratar de uma coluna de opinião, Brum se preocupa em munir o leitor de informações suficientes para que ele possa ter seu próprio posicionamento acerca do tema e seu texto, além de opinativo, possa ser também informativo.

A jornalista também segue o agendamento midiático, visto que os temas da coluna sempre são assuntos que estão em alta, sendo debatidos pela mídia e pelas pessoas. Geralmente, um acontecimento marcante daquela semana é o que irá gerar a ideia inicial do texto que irá se desenrolar com informações muito mais aprofundadas, indo muito além do fato que serviu de pauta para os jornais. O que é uma das características do Jornalismo Literário adotada por Brum, a de se envolver com o assunto a ponto de transformar uma simples pauta em um assunto bem trabalhado, aprofundado, que obriga o leitor a se aproximar do texto, se enxergar nele e, portanto, refletir a seu respeito.

Ainda sobre o Jornalismo Literário presente na coluna de Eliane Brum, podemos dizer que a jornalista, que também tem cinco livros-reportagem e um romance publicados, embora não goste de rótulos, em todos os seus trabalhos, sempre flertou com o gênero. Eliane ficou conhecida pela grande sensibilidade no olhar e também na hora de transpô-lo para o papel, pela habilidade de transformar a vida comum em grandes histórias. Apesar de seu último trabalho para a revista *Época* se tratar de uma coluna de opinião, isso não excluiu o fato da autora continuar a acrescentar o gênero literário em seus escritos e tratar dos assuntos cotidianos com grande empatia.

Brum também não abriu mão de usar em sua coluna recursos típicos dos textos narrativos. É comum nos depararmos com o uso de personagens, diálogos, figuras de linguagem e descrições tão bem detalhadas, que são capazes de fazer com que o leitor imagine com precisão as cenas por ela descritas. Tudo isso são aspectos do Jornalismo Literário muito claros na coluna da jornalista, que acrescentam grande riqueza aos seus textos. Esses recursos também podem ser considerados como mais itens que fazem o leitor se envolver e dialogar com a coluna, visto que ao lê-la, ele se vê como parte dela, formando imagens a medida que lê as descrições, respondendo às suas indagações, tomando partido a respeito de algum tema e, por fim, se vendo como parte da sociedade a qual ele pertence.



REFERÊNCIAS

FARO, J.S. **REALIDADE, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira.** São Paulo, 1998.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias.** 2 ed. São Carlos: Claraluzs, 2008.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Agir, 1969. 64 p.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia.** São Paulo: Ática, 2002.

MARTINS, Eliane. **Entrevista – Eliane Brum.** 2010. Disponível em: <<http://www.abi.org.br/entrevista-eliane-brum/>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

MASSUELA, Amanda. **“Escrevo lambuzada pelo meu tempo”.** 2013. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/06/“escrevo-lambuzada-pelo-meu-tempo”/>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo - Gêneros Opinativos no Jornalismo Brasileiro.** 3ª ed. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

PIRES, Vera Lúcia; TAMANINI-ADAMES, Fátima Andréia. **Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia.** Estudos Semióticos, São Paulo, v. 6, n. 2, p.66-76, nov. 2010. Semestral.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e Literatura.** Porto Alegre: JÁ Editores, 2008.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.